

## UMA ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS RURAL AFRO-BRASILEIRO

Edivalda Alves ARAÚJO<sup>1</sup>

### RESUMO

A análise de *corpora* do português rural afro-brasileiro evidenciou que há uma similaridade entre as construções de tópico dessa variedade com as do português urbano. O cruzamento dos dados lingüísticos com os sociais, seguindo uma orientação sociolingüística, revelou que algumas construções de tópico nessas comunidades estão ligadas à baixa escolaridade e à faixa etária mais velha. Este último dado traz uma contribuição importante aos estudos realizados na área de tópico em relação ao português brasileiro, uma vez que algumas construções encontradas na fala de pessoas com 100 anos ou mais podem levar a dois indícios: i) no final do século XIX, período de efetiva aquisição lingüística por esses informantes mais velhos, havia a realização dessas construções de tópico na oralidade; ii) a probabilidade de essas construções serem de origem africana e terem se estabilizado no português do Brasil.

Palavras-chave: TÓPICO; SINTAXE; PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO; PORTUGUÊS URBANO.

### INTRODUÇÃO

O português brasileiro urbano, de acordo com as análises desenvolvidas por Pontes (1986, 1987), Kato (1989, 1998) e Galves (1998), apresenta construções de tópico diferenciadas das que são encontradas em outras línguas românicas, principalmente o português europeu, variedade da qual se derivou. Em face dessas construções diferentes, há autores que defendem que o português brasileiro está tendendo a um direcionamento discursivo por permitir que o tópico, em algumas construções, estabeleça concordância com o verbo. Tomando como base esses trabalhos produzidos em relação a essa variedade do português do português brasileiro, desenvolveu-se esta pesquisa em *corpora*<sup>2</sup> de português afro-brasileiro, de comunidades rurais formadas historicamente por africanos e descendentes, como Helvécia, Cinzento,

---

<sup>1</sup> UNEB-Campus V. Departamento de Ciências Humanas. Rua Rockefeller, 101, ap. 1901. Barris. 40070-160. Salvador – Bahia – Brasil. edivaldaaraujo@uneb.br

<sup>2</sup> Esses *corpora* fazem parte do Projeto Vertentes, coordenado pelo prof. Dr. Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia.

Rio de Contas e Sapé, para identificar se as construções de tópico aí realizadas são semelhantes às do português urbano.

## ASPECTOS TEÓRICOS

### o tópico

Considerando a frase abaixo:

- (1) *Energia... até o prefeito mermo acha que... que uma fonte gasta dinheiro, né?*  
(RC.26)

pode-se perceber a ocorrência de um elemento deslocado à esquerda (*energia*) que assume a função de tópico. A utilização desse elemento à esquerda – o tópico – sinaliza que o falante<sup>3</sup> pressupõe que ele e o ouvinte partilham as mesmas informações, indicando a orientação discursiva e o assunto que será discorrido na frase.

Sob a perspectiva sintática, o tópico é visto como um sintagma nominal, lexical ou pronominal, que se realiza numa posição geralmente deslocada à esquerda, na camada externa da oração, o CP (cf. RIZZI, 1997), em torno do qual é construído um predicado ou comentário. Mas, precisamente, o fato de se realizar na camada do CP implica que o tópico tem propriedades discursivas, porque é aí que ocorre a interface sintaxe-discurso e, conseqüentemente, a verificação dos traços discursivos (cf. RIZZI, 1997, 2004; CHOMSKY, 2001).

Sob a perspectiva da estrutura da informação, o tópico é visto como um direcionamento do discurso, sinalizando que o falante pressupõe ser esse constituinte

---

<sup>3</sup> Considerando-se que se trata de um *corpus* oral, farei referência apenas ao par falante/ouvinte; mas as construções de tópico não se restringem apenas à realização oral – podem também aparecer em textos escritos.

uma informação conhecida pelo ouvinte. Porque vem no início da oração, o tópico tem a função de orientar o ouvinte para a construção do significado ou para o estabelecimento de relações com outras informações na sentença, no texto ou na situação.

Para que um elemento seja considerado tópico, é necessário, de acordo com Lambrecht (1996), que ele satisfaça alguns requerimentos formais: ser um sintagma nominal referencial, o que implica que o seu referente é identificável pelo falante/escritor e pelo ouvinte/leitor no processo de interação comunicativa. Sendo identificável, conseqüentemente, estará acessível no discurso, marcado com os traços de definitude e de especificidade, incluindo-se aí os casos em que o sintagma nominal indefinido seja específico. Resumindo, um tópico é um elemento nominal definido e referencial, devendo estar acessível no discurso para que possa ser considerado uma informação partilhada.

### **os tipos de tópico**

As línguas, de um modo geral, permitem as construções de tópico, justamente para atenderem as demandas da estrutura da informação. Os estudos na área têm demonstrado que algumas construções são típicas e prováveis de acontecerem em todas as línguas do mundo, como o Tópico Pendente, em (2), e o Tópico Pendente com Retomada, (em 3):

(2) Quanto aos livros, é necessário encontrar uma biblioteca adequada.

(3) Quanto aos livros, não é fácil encontrá-los.

Em ambas as construções acima, existe um elemento deslocado à esquerda que estabelece uma relação semântica com a oração, mas não há um lugar na oração

previsto para esse ele. A marcação do tópico nesse caso é formal, uma vez que este é introduzido pelas seguintes expressões: *quanto a...*, *em relação a...*, *a respeito de...*

Em algumas línguas, é possível encontrar o Deslocamento à Esquerda Clítico (CLLD), em (4), e o Deslocamento à Esquerda (LD)<sup>4</sup>, em (5):

(4) Os livros, comprei-os ontem.

(5) Livros comprei ontem<sup>5</sup>.

Nessas construções, o tópico apresenta uma relação tanto semântica quanto sintática com um lugar interno à oração. Em (4), o tópico é retomado sintaticamente por um clítico interno à oração; e, em (5), essa retomada é feita por um clítico nulo (cf. KATO, 1998). Por sofrerem algumas restrições sintáticas, como mostra Cinque (1999), esses dois tipos de construção não são encontrados em todas as línguas. Mas, de acordo com esse autor, as línguas românicas, em geral, apresentam a CLLD.

No português brasileiro vernáculo, entretanto, mesmo na fala culta, não se encontra registro da CLLD, uma vez que os clíticos acusativos de 3ª. pessoa estão em franco processo de desaparecimento, conforme o demonstram os estudos relacionados a essa área. Além disso, essa variedade do português apresenta algumas construções identificadas por Pontes (1986, 1987), Kato (1989) e Galves (1998), que não são atestadas em outras línguas românicas, principalmente no português europeu, como se pode ver em (6), (7) e (8):

(6) Os jogadores estão crescendo o cabelo.

(7) O carro furou o pneu.

---

<sup>4</sup> Essas construções são detalhadamente analisadas por Cinque (1990).

<sup>5</sup> Essa construção, à primeira vista, parece com as que são realizadas no português brasileiro, mas, formalmente, como será explicado adiante, são muito diferentes.

(8) Pedro eu encontro toda semana no caminho da minha casa.

Essas construções apresentam características diferentes porque nelas é possível perceber que, em (6) e (7), os sintagmas nominais que estão concordando com o verbo não são semanticamente selecionados para serem seus sujeitos. Ou seja, existe um elemento deslocado de uma posição interna da oração (um adjunto nominal), que foi alçado para a posição de tópico, mas que desencadeou concordância com o verbo. Em (8), o objeto direto foi deslocado de sua posição interna, mas não sofre retomada interna clítica na oração, como deveria acontecer, se se fosse seguir o parâmetro do português europeu.

As construções presentes em (6) e (7) são denominadas de Tópico Sujeito<sup>6</sup> e se caracterizam por: (i) apresentarem um sintagma preposicional, locativo ou adjunto, deslocado à esquerda sem a preposição, comportando-se como o sujeito da frase porque estabelece concordância com o verbo; (ii) não haver um pronome lembrete retomando o sintagma nominal anteposto; e (iii) não existir concordância verbal entre o verbo e o seu argumento externo, que se realiza em posição pós-verbal, conforme demonstram Pontes (1987) e Galves (1998, 2001).

Assumo nesse trabalho que a construção em (8), apesar da semelhança com o exemplo em (5), apresenta algumas características diferentes, como: o sintagma nominal não é retomado por um clítico interno à oração, o que deveria acontecer, visto que o sintagma é definido. Além disso, há outras particularidades dessas construções no português brasileiro que as tornam distantes das línguas românicas<sup>7</sup>: é possível encontrar o tópico deslocado em contextos de ilhas, em (9), e também a sua ocorrência em contextos de oração encaixada, em (10):

---

<sup>6</sup> Cf. Galves, 1998.

<sup>7</sup> Se tomarmos como análise as características apresentadas por Cinque (1990) em relação às línguas românicas.

Contexto: **A:** Você sabe onde está o livro de português?

(9) **B:** O livro, os alunos que encontraram jogaram fora.

(10) **C:** Estou com vergonha de lhe dizer isso porque, o livro, os alunos jogaram fora.

Em função dessas características elencadas acima, prefiro denominar essas construções de tópico, em (8)-(10), de Topicalização do Objeto Direto (TOD), por diferirem de outras identificadas na literatura a respeito<sup>8</sup>.

Esses dois tipos de construção, o Tópico Sujeito e a TOD (entre outros que serão vistos a seguir), diferenciam o português brasileiro do português europeu, e também de outras línguas românicas. Pesquisas realizadas na área, entretanto, ainda não conseguiram identificar uma provável origem para essas construções, tomando-se como ponto de partida a análise do português escrito em séculos anteriores, como as de Decat (1989) e Araújo (2006).

## **METODOLOGIA**

A partir da catalogação das comunidades rurais do Projeto Vertentes, foram selecionados 26 inquéritos, com a seguinte distribuição:

- 07 inquéritos em Helvécia (HV)
- 07 inquéritos em Cinzento (CZ)
- 06 inquéritos em Rio de Contas (RC)
- 06 inquéritos em Sapé (SP)

A distribuição dos sujeitos, com as suas respectivas identificações sociais, encontra-se

---

<sup>8</sup> Como a LD, em Cinque (1990), a ETop, em Raposo (1996), e a Topicalização, em Brito *et al* (2003).

na tabela abaixo, onde: **F** = sexo feminino; **M** = sexo masculino; **S** = semi-analfabeto; **A** = analfabeto; **E** = viveu fora da comunidade por pelo menos seis meses e **N** = não viveu fora da comunidade; os números à esquerda representam o número dos respectivos inquéritos do informante dentro do *corpus*:

**Tabela 1: Identificação dos inquéritos trabalhados dentro nos *corpora***

HELVÉCIA = HV			
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
Inquéritos	01-A-N 04-S-N	07-A-E 12-A-N	13-A-N 19-A-E 20-A-E
CINZENTO = CZ			
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
Inquéritos	01-S-E 03-S-E	06-S-E 09-A-N	10-A-N 11-S-N 12-A-N
RIO DE CONTAS = RC			
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
Inquéritos	04-A-E 05-S-E	08-A-E 13-S-N	24-A-N 26-S-E
SAPÉ = SP			
	Faixa 1	Faixa 2	Faixa 3
Inquéritos	01-S-N 04-A-N	05-S-E 06-S-N	09-A-E 12-A-N

A partir dessas informações, as variáveis sociais controladas na análise foram: idade, escolarização e saída ou não da comunidade.

Nos exemplos depois da informação relacionada à comunidade, aparece o número do informante dentro do *corpus* analisado. Por exemplo: (HV.1) implica: *Corpus* de Helvécia, Informante 1.

A identificação das construções de tópico nos *corpora* parte da caracterização do tópico como um sintagma nominal, definido e referencial, realizado por um nome ou pronome<sup>9</sup>, sendo uma informação partilhada entre falante e ouvinte, considerando-se o contexto de interação comunicativa. No caso do presente trabalho, o tópico se realiza ou

<sup>9</sup> Regido ou não por uma preposição

pela retomada da fala do documentador ou pela retomada de um elemento já citado anteriormente pelo informante.

## ANÁLISE

### os dados lingüísticos

De acordo com a análise dos *corpora*, foram encontradas realizações de construções de tópico que são semelhantes às do português brasileiro urbano. Na tabela abaixo, é possível visualizar a quantidade e os tipos de construções de tópico produzidos pelas comunidades em estudo:

**Tabela 2: Quantificação dos tipos de tópico encontrados**

	Quantidade	%
Topicalização de Objeto Direto (TOD)	61	<b>34</b>
Tópico Cópia	50	<b>27</b>
Tópico Sujeito	29	<b>16</b>
Duplo Sujeito	23	<b>13</b>
Topicalização Selvagem	19	<b>10</b>
Total	182	<b>100</b>

#### a) Topicalização de Objeto Direto (TOD)

Como se pode ver na Tabela 2, um dos tipos de tópico mais realizados é a Topicalização de Objeto Direto<sup>10</sup>, com 34%. Nessas construções, o objeto direto deslocado à esquerda se apresenta: (i) definido e sem retomada clítica interna à oração, em (11)-(12); (ii) em contexto de ilha relativa e de encaixada, em (13)-(14) e (15),

<sup>10</sup> Alguns autores estabelecem relação entre esse tipo de construção e as de objeto nulo, uma vez que a posição interna deixada por esse elemento deslocado para a posição de tópico está aparentemente vazia, ou melhor, foneticamente nula: não há um pronome visível para retomar o objeto topicalizado.

respectivamente. Uma amostra dos casos de TOD presentes nos *corpora* é relacionada a seguir:

- (11) *a idade já compretô, vô dançá mais não*<sup>11</sup>. (SP.9).
- (12) *Mas, a criação de hoje, eu acho muito diferente...* (HV.7)
- (13) *a cachaça quando eu dexá...eu dêxá é mais fácil.* (RC.8)
- (14) *esses criatório (porco, galinha) tamém eu tem muitos ano qu'eu num crio, né?*  
(HV.12)
- (15) *É mais perigoso, porque uma...uma mulé...grávida, pá ganhá neném em casa, eu acho muito perigo, porque lá no hospital...já é ôta coisa, né?* (HV.4)

Nessas construções, o sintagma nominal na posição de tópico foi deslocado da posição interna da oração, nomeadamente, o objeto direto. Mas esse sintagma não sofre nenhum tipo de retomada pronominal clítica.

No que se refere aos *corpora* do português rural afro-brasileiro, é importante ressaltar que, no cômputo geral, essas construções sem retomada clítica são as mais usadas (cf. Tabela 2). Mas a situação no português brasileiro urbano não é diferenciada, visto que, de acordo com estudos realizados, também são encontradas, do mesmo modo, construções com deslocamento de objeto direto sem retomada clítica e com as características elencadas acima.

## b) Tópico Cópia

As construções de Tópico Cópia recebem essa denominação porque a retomada interna à oração é feita pela cópia do termo topicalizado, como se pode ver em (16)-(19):

---

<sup>11</sup> É preciso ressaltar que no exemplo em (11) o informante não flexionou o verbo na primeira pessoa do singular, prática comum nos falantes mais velhos dessa comunidade. Em outros informantes a forma realizada seria: completei.

- (16) *Cana... **cana** a gente plantava uma toicêra aí, ói...pro mode... porque quem trabalha na roça...* (RC.26)
- (17) *lambada, num usava **lambada** nesse tempo que nós dançava não.* (HV.12)
- (18) *porque **eu** pá falá a verdade, **eu** num mudo* (CZ.6)
- (19) ***Eu**... **minha enxada**... até qu'**eu** gosto de **minha enxada**.* (HV.20)

Essas realizações são diferentes das encontradas até então em outras línguas e também no português brasileiro urbano porque o tópico encontra-se com uma retomada interna realizada com uma cópia do mesmo sintagma nominal. É interesse observar que, às vezes, esse elemento está em outra posição de tópico, como se pode observar no exemplo em (16), em que *cana* aparece topicalizado duas vezes.

### c) Tópico Sujeito

No português brasileiro urbano, como apontado por Pontes (1986), essas construções estão presentes inclusive na fala culta. Contudo, registros desse tipo não foram encontrados em outras línguas românicas (cf. GALVES, 1998), o que torna o português brasileiro *sui generis* em relação a essas construções de tópico.

No caso do português afro-brasileiro, também foram encontradas construções do Tópico Sujeito, separadas em três grupos:

**Grupo I:** o verbo é ergativo, em (20), ou é inacusativo<sup>12</sup>, em (21)-(24), o que implica que ele seleciona um argumento interno, mas este argumento não estabelece concordância com o verbo; ao contrário, elementos provenientes de outras posições sintáticas internas à oração são promovidos à posição de tópico, de onde desencadeiam

<sup>12</sup> Os verbos inacusativos são aqueles que selecionam apenas argumentos internos, podendo estes serem alçados para a posição de sujeito, estabelecendo a concordância com o verbo. Geralmente esses verbos têm os chamados sujeitos pacientes, como o verbo *nascer*, *morrer*, *crescer*, os existenciais e os de ligação, entre outros. Uma frase com verbo inacusativo seria assim gerada: *nascer João*, porque este verbo seleciona um argumento interno, *João*. Este sintagma nominal depois seria movido para a posição de sujeito para estabelecer a concordância com o verbo, resultando em: *João nasceu*. Com os verbos existenciais, em geral, não ocorre o alçamento do seu argumento interno para a posição de sujeito porque esta fica preenchida com um expletivo nulo.

concordância com o verbo. É o que se encontra nos seguintes exemplos, em que o sintagma nominal inicial provém de outras posições internas à oração: adjunto adnominal (20), complemento nominal (21), adjunto adverbial (22), objeto direto do verbo existencial (23) e locativo de verbo existencial (24) (a interpretação da provável posição canônica do sintagma interna à oração encontra-se entre colchetes):

- (20) *o carro afundô as roda...* (CZ.6) [as rodas do carro afundaram]
- (21) *Deus ajudô que ela salvô a... a vida.* (SP.12) [Deus ajudou que a vida dela foi salva]
- (22) *Ago'lacraia é trabáio perdido.* (RC.8) [é trabalho perdido com lacraia]
- (23) *o cacau tinha mais que o guaraná,* (SP.5) [tinha mais o cacau que o guaraná]
- (24) *Os terno antigamente tinha mais gente.* (RC.8) [tinha mais gente nos ternos antigamente]

**Grupo II:** é composto de verbos transitivos, mas que cujo argumento externo não é realizado. Algum outro elemento interno à oração é promovido à posição de tópico, desencadeando concordância com o verbo. É o que pode ser observado nos exemplos abaixo, em que o objeto direto (25), o adjunto adverbial (26)-(27) e o sujeito do infinitivo (28) ocupam a posição de Tópico Sujeito (as funções sintáticas dos sintagmas nominais iniciais bem como a provável posição que ocupa no interior da oração estão entre colchetes):

- (25) *essa casa foi ligêro... que o moço... sabia trabaiá um pôco...* (CZ.12) [foi ligeiro (fazer) essa casa – essa casa é objeto direto]
- (26) *Quaquê terra faz adôbo.* (CZ.11) [faz-se adobe com qualquer terra - qualquer terra está com a função de adjunto adverbial do verbo *fazer*]
- (27) *Não dava pá pulá, pelo seguinte: porque tratô é ruim de o cara pulá, viu...* (HV.4) [porque é ruim de o cara pular do trator – o trator é adjunto adverbial do verbo *pular*]

- (28) *ele já foi preciso ficá internado...*(HV.1) [já foi preciso ele ficar internado – sujeito do verbo *ficar*]

**Grupo III:** não há relação do tópico com alguma posição interna na oração, o que implica que não há movimento de dentro da oração. Ou seja, o elemento que aparece como provável sujeito do verbo não faz parte da sua grade temática e não tem relação semântica com ele. É o que pode ser visto nas frases abaixo:

- (29) *a residência deles é nascido, criado tudo aqui mesmo.* (CZ.9)  
 (30) *o canivete é coisa que uma unha tava suja... [melada] aqui... eu fui rapá o canto da unha!* (CZ.11)

Algumas dessas construções de Tópico Sujeito são apresentadas por Pontes (1986, 1987) em sua análise do português urbano, como as identificadas no Grupo I. Os casos dos Grupos II e III, embora não sejam citados pela autora, foram encontrados nas comunidades em estudo, mas acredito estarem presentes no vernáculo brasileiro, em qualquer dialeto.

#### **d) Tópico com cópia pronominal ou Duplo Sujeito**<sup>13</sup>

Essa construção se caracteriza pelo deslocamento de um sintagma nominal para a posição de tópico e uma retomada pronominal deste sintagma na posição de sujeito interna à oração, conforme exemplos em (31)-(33):

- (31) *Poque mãe d'agora, **ela** diz: “oh, menina, faz isso.”- “Ah, num vô lá não”- E num vai mesmo.* (HV.13)  
 (32) *Meu pai... pa criá a gente... foi um bando de filho que **ele** teve... deu um duro que num foi fácil*<sup>14</sup> (SP.12)

<sup>13</sup> cf. designação de Duarte, 1996.

- (33) *E a galinha que dorme num pé de árvore... ela dorme uma aqui, ôta acolá, num lado que tá bateno vento e tudo, né?... (CZ.12)*

Construções como estas são abundantes no português coloquial urbano. A presença do pronome na posição do sujeito nessas construções, de acordo com Galves (1998), justifica-se em função de o verbo ter perdido o traço de [pessoa] no português brasileiro, daí a necessidade da realização do sujeito pronominal para recuperar esse traço.

### e) Topicalização Selvagem

A Topicalização Selvagem, de acordo com Brito *et al* (2003)<sup>15</sup>, ocorre quando há deslocamento de um PP, objeto indireto, desacompanhado da preposição<sup>16</sup>. Diferente das autoras Brito *et al* (2003), considero que outras funções sintáticas (regidas por preposição, mas realizadas sem ela) possam aparecer nesse tipo de construção. Nesse sentido, entram nessa classificação, além dos objetos indiretos (34-35), os seguintes casos: complementos nominais (36); agente da passiva (37); adjunto adverbial (38), conforme os exemplos encontrados nos *corpora*:

- (34) *Os grande eu num me importo (SP.5)*
- (35) *eles...pra falar a verdade, eu não cobro não (SP.6)*
- (36) *As região vizinha eu só o presidente e tenho o direito de pedi. (CZ.6)*
- (37) *Ah, lacraia já fui mordido muitas vez. (RC.8)*
- (38) *esses santo tudo aí eles tirava esmola pelas casa, lugá que fazia pomessa.... (HV.13)*

<sup>14</sup> É interessante observar a construção dessa frase porque, em função da clivagem do objeto, tem-se a impressão de que não se tem uma construção de Duplo Sujeito. Vejamos a ordem dessa frase sem a clivagem do objeto direto: Meu pai ele teve um bando de filho.

<sup>15</sup> O *corpus* de análise dessas autoras é o português europeu urbano.

<sup>16</sup> Essa preposição deve ser funcional, sem conteúdo semântico. Pode-se ver a diferença nas preposições nos seguintes exemplos: *Gosto de doce* e *Vou com você*. A preposição *de*, no primeiro exemplo, é considerada funcional, sem conteúdo semântico porque está ligando o verbo ao seu complemento; o que não acontece com a preposição *com*, no segundo exemplo. Esta preposição tem conteúdo semântico porque está inserindo um adjunto adverbial, e não um complemento ao verbo.

O que chama a atenção nas construções acima é justamente a ausência da preposição em situações em que seria esperada a sua realização. E uma análise superficial dessas orações, sem levar em conta a estrutura da informação e conseqüentemente o contexto em que foram produzidas, não captura, por exemplo, a intenção comunicativa presente em (38): não são os santos que tiram esmola. O pronome *eles* na oração tem uma referência externa, no contexto. O que o informante quis dizer é que *eles* (os cantadores) tiravam esmola para os santos, costume da região na Festa de Reis.

Gostaria de ressaltar que a identificação desses tipos de tópico nessas comunidades não implica ausência no português brasileiro urbano, mas apenas que ainda não foi citado pela literatura que trata desse assunto. Considero que não há diferenças consubstanciais entre as realizações de tópico do português rural afro-brasileiro e as do português urbano.

Conforme dados apresentados por outras pesquisas realizadas (cf. GALVES, 1998; KATO, 1989), as construções de Tópico Sujeito e aqui insiro a TOD, a Topicalização Selvagem (nos moldes aqui definidos) e o Tópico Cópia caracterizam o português brasileiro, visto que não são encontradas em outras línguas românicas, o que parece indicar interferências lingüísticas de outros tipos que podem ter provocado a criação dessas construções nessa variedade do português. A relação dos dados sociais com os dados lingüísticos pode revelar alguma indicação dessa interferência, supostamente africana, como vai ser visto na seção abaixo.

### **os dados sociais**

A partir da relação da análise dos dados sociais com os dados lingüísticos, encontra-se que: (i) não há influência externa para a realização dos tópicos; (ii) as

construções de tópico não são uma inovação dentro da comunidade, principalmente as de Tópico Pendente com Retomada, Tópico Cópia, Tópico Sujeito, Duplo Sujeito e Topicalização Selvagem, uma vez que o número de realizações desses tópicos da faixa 3 que permaneceram na comunidade aproxima-se (e às vezes, ultrapassa) do número de realizações da faixa 2 dos que saíram da comunidade; (iii) a escolaridade não interfere na realização das construções de tópico. Este último fato é confirmado ao se tomar como parâmetro as construções atestadas por Pontes (1986, 1987) do português brasileiro urbano na fala de pessoas escolarizadas, que também realizam os mesmos tipos de tópico encontrados nas comunidades em estudo; (iv) a faixa etária parece ter interferência nas realizações das construções de tópico.

## **A IMPORTÂNCIA DOS DADOS DE PESSOAS MAIS VELHAS**

O cruzamento dos dados lingüísticos com a faixa etária nessas comunidades traz uma importante contribuição a outras pesquisas que tomam como análise o português formal, de peças de teatro ou de cartas pessoais, como as realizadas por Decat (1989) e por Araújo (2006), dentre outras. Essa contribuição se refere ao fato de terem sido encontradas construções de Tópico Sujeito, de Topicalização de Objeto Direto e de Topicalização Selvagem na fala de pessoas com 103 anos ou 107 anos de idade, como mostram os dados de Helvécia e de Cinzento, o que implica a realização dessas construções ter começado ao menos no final do século XIX. Vejamos por quê: A coleta de dados nessas comunidades deve estar completando mais ou menos 25 anos<sup>17</sup>, o que implica que essas pessoas de 103 e de 107, no início do século XX, deveriam estar com

---

<sup>17</sup> A coleta de dados foi realizada na década de 80 – séc. XX.

a aquisição da linguagem consolidada. Essas construções de tópico deveriam estar sendo oralmente utilizadas, e talvez tenham sido aí adquiridas por elas. Os exemplos abaixo dão uma indicação:

- Informante com 103 anos:

(39) *Eu já morreu<sup>18</sup> quatro fi'.* (HV.19)

(40) *Tudo me sentiu má como esse fio, eu senti má!* (HV.19)

(41) *Meus neto d'eu conversa quando vem de longe!* (HV.19)

- Informante com 107 anos:

(42) *agora, esses caso que eu conto na mais véio, eu conto é proque... o mais véio contava, né?* (CZ.10)

Nessas realizações, é possível identificar construções com Tópico Sujeito (39-40), Topicalização Selvagem (41) e Topicalização de Objeto Direto (42).

Considerando esses dados, hipoteticamente, há evidências de que essas construções atuais no português brasileiro já estavam presentes na oralidade ou no final do século XIX ou no início do século XX e, também, é possível que tenham surgido a partir da influência africana. É preciso esclarecer, para os propósitos do trabalho, que, sendo as comunidades analisadas constituídas historicamente por afrodescendentes, principalmente a de Helvécia (a mais antiga na coleta de dados), defendo a possibilidade de ter havido no processo de aprendizagem do português pelos africanos a interferência de suas línguas nativas, principalmente aos que aqui chegaram sem o domínio dessa língua.

---

<sup>18</sup> É preciso ressaltar que pessoas mais velhas nessa comunidade não realizam a concordância verbal na primeira pessoa do singular, cf nota 11.

Concordo com Lucchesi (2001) quando trata do processo de transmissão irregular do português aos africanos que aqui chegaram sem o domínio dessa língua, o que pode ter desencadeado uma criouliização leve. Tal forma de criouliização, para o autor, não levaria a uma reestruturação gramatical completa da língua, mas pode desencadear (no nosso entendimento) a reanálise em algumas áreas sintáticas, como a do sujeito, por exemplo. Desse modo, acredito que, no processo de aprendizagem irregular da língua portuguesa, os africanos podem ter recorrido ao conhecimento de suas línguas de origem, o que pode ter implicado reanálise de algumas funções sintáticas em seu processo de desempenho lingüístico da língua superestrato. Há evidência disso na fala das pessoas mais velhas da comunidade de Helvécia e Cinzento, como demonstrado acima, e que parece ter originado as atuais construções de tópicos presentes no português brasileiro.

O mais interessante é que no português brasileiro essas construções de tópicos “diferentes” começam a ser atestadas a partir de meados do século XX, justamente como consequência do movimento de migração do campo para a cidade que tem início no final do século XIX, intensificando-se no século XX, devido ao processo de industrialização. Como resultado, passa a haver a convivência de diversas variedades lingüísticas simultaneamente no mesmo espaço geográfico, provocando, conseqüentemente, interferências de uma sobre a outra, com o que concorda Tarallo (1996). Para ele, as características do português brasileiro, que o diferenciam do português europeu, começam a ser definidas no início do século XX, em função das mudanças sociais por que passa o Brasil.

Como se sabe, devido aos processos históricos de escravidão, a maioria dos africanos vivia na zona rural porque trabalhava nas lavouras. O movimento populacional do campo para a cidade implicou também a saída de muitos

afrodescendentes, levando consigo a sua aprendizagem “irregular” do português. A partir daí, os contatos entre as variedades lingüísticas (a urbana e a rural) se intensificam, o que possivelmente permitiu a influência lingüística africana na sintaxe do português brasileiro, definindo as suas características e diferenciando-o do português europeu, dentre outros aspectos, em relação às construções de tópico<sup>19</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada das construções de tópico nos *corpora* do português rural afro-brasileiro, ressaltam-se os seguintes pontos: (i) as construções de tópico presentes nessas comunidades também estão presentes no português brasileiro. Acredito, contudo, que o movimento foi do campo para cidade, o que implica assumir que essas construções do português urbano têm sua origem no português afro-rural; (ii) parece haver uma tendência para maior número de realizações de tópico por pessoas mais velhas dentro das comunidades, o que reforça a hipótese da interferência afrolingüística no português brasileiro; (iii) os dados levam à evidência de que a realização oral de construções de Tópico Sujeito, Topicalização do Objeto Direto e Topicalização Selvagem é atestada já no final do século XIX.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Edivalda A. *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. Tese de doutoramento. Salvador: UFBA/PPGL, 2006.

---

<sup>19</sup> De fato, considero que as construções de tópico diferenciadas que se encontram no português brasileiro estão aliadas também a outras mudanças sintáticas que ocorreram na língua, como: a perda do acusativo de 3ª. pessoa, o preenchimento do sujeito, entre outras citadas na literatura lingüística a respeito do assunto.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Frases com tópicos marcados. In: MIRA MATEUS et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003. p.489-502

CHOMSKY, Noam A. Beyond Explanatory Adequacy. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Cambridge, MA: MITWPL, n. 20, 2001.

CINQUE, Guglielmo. *Types of  $\bar{A}$ -dependencies*. Linguistic Inquiry Monographs. London, England: MIT Press, 1990.

DECAT, M. B. Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. p. 113-137

DUARTE, M. E. L. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.107-125.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. (34). Campinas: Editora da UNICAMP, jan/jun. 1998. p. 19-31.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge Studies in Linguistics, 1996.

LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: um estudo de caso. In: *A Cor das Letras*. (3). 2001. p.73-100.

KATO, Mary A. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (17). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.

KATO, Mary A. Tópicos como alçamento de predicados secundários. In: *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, n. 34, jan./jul. 1998. p. 67-76.

PONTES, Eunice S. L. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

RAPOSO, Eduardo. Towards a unification of topic constructions. UCSB. 1996. Texto inédito. s/r.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (Org.) *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. Disponível em : <<http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc-pub/rizzi.>> 2004.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula no português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.35-68.